

## KATARA E A LUTA ANTI-PATRIARCAL EM “A LENDA DE AANG”

Marcela Jatene Cavalcante Botelho\*  
Vlad Schüler-Costa\*\*

### RESUMO:

Baseado na personagem Katara, co-protagonista do desenho animado “Avatar: A Lenda de Aang”, esse artigo desenvolve uma visão feminista sobre representação feminina e luta anti-patriarcal dentro deste produto midiático. Elaborando sobre um arco narrativo presente no início da série, analisamos como ações de rebeldia da personagem contra instituições patriarcais têm desdobramentos em mudanças estruturais na sociedade. Por fim, argumentamos pela importância de personagens femininas e exemplos feministas em produtos midiáticos, como forma de modificar a nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Feminismo. Desenhos Animados. A Lenda de Aang. Estudos Culturais. Mídias Televisivas.

### KATARA AND THE ANTI-PATRIARCHY FIGHT IN “THE LEGEND OF AANG”

#### ABSTRACT:

Based on the character Katara, co-protagonist of the animated series “Avatar: The Legend of Aang”, this article elaborates a feminist vision upon female representation and anti-patriarchy fight within this media product. Developing upon a narrative arc at the series beginnings, we analyze how this character’s acts of rebellion against patriarchal institutions unfold into structural changes in society. Finally, we argue for the importance of female characters and feminist examples in media products, as ways of changing our own society.

**Keywords:** Feminism. Animated Cartoons. The Legend of Aang. Cultural Studies. Television Media.

### KATARA ET LA LUTTE ANTIPATRIARCALE DANS "LA LÉGENDE D'AANG"

#### RÉSUMÉ:

Basé sur le personnage de Katara, co-protagoniste du dessin animé « Avatar : La Légende d'Aang », cet article développe un regard féministe sur la représentation féminine et la lutte anti-patriarcale au sein de ce produit médiatique. S'appuyant sur un arc narratif présent au début de la série, nous analysons comment les actions rebelles du personnage contre les institutions patriarcales conduisent à des changements structurels dans la société. Enfin, nous défendons l'importance des personnages féminins et des exemples féministes dans les produits médiatiques, comme moyen de changer notre société.

**Mot-clés:** Féminisme. Dessin animé. La Légende d'Aang. Études culturelles. Médias de télévision.

\*Graduada em Artes Visuais Tecnologia da Imagem pela Universidade da Amazônia (Unama).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2925-5838>  
E-mail: [martchelabc@gmail.com](mailto:martchelabc@gmail.com)

\*\*Professor Associado de Antropologia Social da Universidade de Manchester. Doutor em Antropologia Social pela University of Manchester.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9943-1983>  
E-mail: [vlad.schulercosta@manchester.ac.uk](mailto:vlad.schulercosta@manchester.ac.uk)



## 1 INTRODUÇÃO

Crescendo com desenhos animados, podemos dizer, sem inicialmente consultar a teoria da cultura ou cognitiva social, que fomos formados pelo que vimos. Era a televisão, aberta ou fechada, que nos ensinava ou nos estereotipava na ausência de modelos reais. Ainda com o advento dos serviços de *streaming* e a capacidade de escolher aquilo que se quer assistir, isso não mudou: crianças (e, até certo ponto, adultos) continuam consumindo desenhos animados. A questão é: há mulheres neles?

Inúmeros estudos, historicamente, apontam para a mínima representação feminina tanto na mídia televisiva geral infantil quanto na especificidade do desenho animado. Personagens masculinos são, na maioria das vezes, os protagonistas. Quando há presença feminina, ela vem na forma de um estereótipo: bela, recatada e do lar. Mesmo quando a indústria diz estar se renovando e buscando diversidade, Pila, Dobrow, Gidney e Burton (2018) nos mostram o contrário.

Ainda que a indústria esteja longe de alcançar uma verdadeira igualdade, há exemplos de representação feminina positiva que nela se destacam. Exemplos que desejamos ver sendo não somente um momento isolado de vitória, e sim que se torne frequente. Um desses momentos é a luta da personagem Katara contra uma noção patriarcal de ensino, que escolhemos como foco de análise nesse trabalho.

A partir de estudos históricos sobre desenhos animados, será mostrada a inequidade da representação feminina nessa mídia e o típico estereótipo da personagem feminina — o que iremos desconstruir através de uma análise do episódio “O Mestre Da Dobra d’Água” (2005), do desenho animado estadunidense “Avatar: A Lenda de Aang” (2005-2008), demonstrando como a personagem Katara, uma das protagonistas do desenho, através de seu desejo de independência e empoderamento, provocou uma grande mudança em uma instituição da Tribo da Água do Norte, e seu legado.

O movimento dessa personagem e a influência de desenhos animados será visto a partir de um viés de estudos culturais. Espera-se que com esse trabalho a ação feminista em “A Lenda de Aang” seja notada como um exemplo daquilo que pode ser alcançado – assim como um exemplo da necessidade de mais movimentos desse tipo – na mídia artística dos desenhos animados.

## 2 MULHERES EM DESENHOS ANIMADOS: POUCAS, RECATADAS E DO LAR

Historicamente, a presença feminina em desenhos animados é proporcionalmente inferior à presença masculina — seja como personagem principal ou secundária. Thompson e Zerbinos (1995) nos trazem a evolução dessa presença em 175 desenhos animados entre os anos de 1935 e 1992, demonstrando que, apesar do número de personagens femininas em geral ter aumentado, proporcionalmente continua inferior ao número de personagens masculinos.

Avançando ao longo dos anos, Aubrey e Harrison (2004) e Götz et. al (2008), mostram que, ao entrar nos anos 2000, esse fato não mudou: mais desenhos animados sendo apresentados, porém proporcionalmente com o mesmo resultado – uma proporção de 2:1 de personagens masculinos em comparação a personagens femininas.

Em pesquisas mais recentes, Pila, Dobrow, Gidney e Burton (2018) fizeram uma análise de desenhos animados selecionados que foram exibidos entre 2013 e 2014, concluindo que, apesar da indústria de animação se dizer mais “diversa”, a proporção continuou a mesma: 2:1 de personagens masculinos e personagens femininas.

Os desenhos mudam, os anos passam e a presença feminina continua proporcionalmente inferior. Isso quer dizer que, da mesma forma que em 1935, mulheres ainda não estão sendo adequadamente representadas nessa mídia em termos de números. Só que o problema não está apenas nos números: junto com a baixa representação de mulheres em desenhos animados, desenhos também reproduzem estereótipos de gênero.

Quando falamos de estereótipo de gênero, nos valemos das palavras de Aubrey e Harrison (2004, p. 116):

By stereotypes we mean a collection of traditional norms that differentiate typical feminine behaviors and personality traits from typical masculine behaviors and personality traits according to contemporary cultural norms. By counterstereotypes we mean the opposite, behaviors and personality traits that buck contemporary cultural norms<sup>1</sup>

Falando especificamente das maneiras que a sociedade espera que homens e mulheres ajam, Thompson e Zerbinos (1997, p. 655) elucidam bem esses estereótipos:

Male characters will be more prominent and be portrayed as more likely to have a recognizable job, more independent, assertive, intelligent, athletic, important, competent, technical, confident, responsible, and stronger than female characters. Female characters will be portrayed as weaker, more controlled by others, emotional, warmer, tentative, romantic, affectionate, sensitive, frailer, passive, complaining, domestic, stereotypical, and troublesome than male characters. [...] Male characters will be more likely to be aggressive, show leadership, bravery, ingenuity and achievement, and give guidance to others. Female characters will be more likely to be followers, be helpless, ask for help, be rescued, fail, give praise, and show affection<sup>2</sup>

Esses foram os estereótipos estabelecidos pelas autoras a serem reconhecidos na sua análise da presença desse tipo de comportamento em personagens de desenhos animados. Vale-se aqui de outra referência ao trabalho delas e seu estudo histórico da evolução da questão de gênero em desenhos animados ao longo das décadas: segundo as autoras, personagens femininas a partir da década de 80 mostraram-se menos estereotipadas e com características mais atribuídas aos homens, como serem mais assertivas, inteligentes, competentes e fortes.

[2] “Personagens masculinos são mais proeminentes e são retratados como mais provavelmente tendo empregos reconhecíveis, mais independentes, assertivos, inteligentes, atléticos, importantes, competentes, técnicos, confiantes, responsáveis, e mais fortes que personagens femininas. Personagens femininas são representadas como mais fracas, mais controladas por outros, emocionais, carinhosas, hesitantes, românticas, afetuosas, sensíveis, frágeis, passivas, reclamadoras, domésticas, estereotípicas, e problemáticas que personagens masculinos. [...] Personagens masculinos são mais propensos a serem agressivos, demonstrar liderança, bravura, engenhosidade e realização, e a dar orientações a outros. Personagens femininas são mais propensas a serem seguidoras, desamparadas, a pedirem ajuda, a serem resgatadas, a falhar, a elogiar, e a demonstrar afeto.” (tradução nossa)

Apesar dessa melhora apontada no trabalho das autoras, desde a década de 80 os dias atuais, os estereótipos continuam. A pesquisa mais atual sobre a questão de gênero em desenhos animados, de Pila, Dobrow, Gidney e Burton (2018), indica a permanência da atribuição de determinadas características estereotípicas femininas, como “boa”, “pacífica” e “bondosa”, às personagens femininas nessa mídia.

Certamente, houve uma evolução desde 1932; no entanto, podemos dizer que a questão de gênero nessa mídia específica está longe do ideal. Se antes a presença de mulheres era ínfima, agora ela se torna gradualmente maior. Se antes a mulher não possuía nenhuma outra representação se não aquela que fosse completamente estereotípica, agora ela possui “algumas alternativas”. A situação melhorou, mas o problema está longe de ser resolvido.

## 2.1 O problema e o Brasil

Qual a relevância de se falar de desenhos animados, em sua maioria estadunidenses? Será que há desdobramentos dessa questão no Brasil? Götz *et al.* (2008) dizem que sim: em seu estudo global sobre desenhos animados, foram analisados dados de 24 países — entre eles, o Brasil — e um fato interessante há de ser ressaltado: cerca de apenas 23% dos desenhos totais analisados são ou foram produzidos domesticamente, isto é, no país de origem, e 77% foram comprados.

Além disso, a maior região exportadora desse tipo de mídia são os Estados Unidos, com uma parcela de 60% da programação, seguido pela Europa com 27.9% e a Ásia com 9.3%. Considerando-se esses dados, podemos dizer que há, sim, desdobramento das pesquisas em desenhos americanos para a realidade brasileira, sabendo que é de lá que vem a maior parte dos produtos dos quais nós, brasileiros, somos consumidores.

Discutindo ainda os dados apresentados por Götz *et al.* (2008), a realidade brasileira não é muito diferente daquela demonstrada nos estudos estadunidenses até agora: a porcentagem de personagens femininas em desenhos é de 32%, contra a masculina de 68%, muito próxima da realidade estadunidense de 33% contra 67%.

A partir disso, nota-se que, apesar do produto ser de origem estrangeira, nós somos consumidores. Apesar do problema parecer forasteiro, ele respinga sobre terras brasileiras. Analisar um desenho de fora ajuda a tratar a questão de dentro.

## 3 “A LENDA DE AANG”: FEMINISMO À VONTADE

O desenho que analisaremos aqui é a produção estadunidense “A Lenda de Aang”, criada por Michael Dante DiMartino e Bryan Konietzko, exibido nos Estados Unidos durante os anos de 2005 a 2008, e no Brasil durante o mesmo período, no canal de televisão por assinatura Nickelodeon.

A história dessa obra gira em torno do conceito de “dobra”, a capacidade que algumas pessoas possuem de manipular um dos quatro elementos: água, terra, fogo e ar. O personagem conhecido como “Avatar” é a única pessoa capaz de dobrar os quatro elementos, e o responsável por manter o equilíbrio no mundo.

Em “A Lenda de Aang”, o Avatar esteve desaparecido por cem anos; nesse período uma das quatro nações, a Nação do Fogo, declarou guerra contra as outras. O mundo, desamparado pelo sumiço do Avatar, entrou em desequilíbrio. O protagonista é Aang, o Avatar que, após cem anos congelado, é encontrado e salvo por Katara e Sokka, dois irmãos da Tribo da Água do Sul, uma das nações mais afetadas pela guerra. A narrativa gira em torno dos três protagonistas buscando retomar o equilíbrio e a paz entre as nações e se desenvolvendo como dobradores, lutadores e pessoas.

Reconhecido internacionalmente, “A Lenda de Aang”, assim como a sua sequência “A Lenda de Korra”, quebraram diversas barreiras ao incluir tópicos pouco apresentados em outras mídias para crianças, como guerra, terrorismo, saúde mental, representação LGBT e, o assunto em questão para nós: feminismo.

Analisar a obra inteira seria de nosso grande interesse, mas não caberia no escopo deste artigo, visto que o desenho não possui apenas uma única forte representação *contraestereotipada* (pegando o termo emprestado de Thompson e Zerbinos) feminina; dessa forma, selecionamos apenas um episódio para a análise, o qual, na nossa visão, é o exemplo mais claro de uma narrativa anti-patriarcado e feminista que a obra pode apresentar: o capítulo 18 da primeira temporada, “O Mestre da Dobra D’Água”, exibido nos Estados Unidos em 18 de Novembro de 2005.

### 3.1 Um interlúdio: quem é Katara?

Figura 1 – Katara, usando trajes típicos da Tribo da Água



Fonte: Screenshot do episódio “O Mestre de Dobra D’água” (Temporada 1, ep. 18). Avatar: A Lenda de Aang [Seriado]. Direção: Giancarlo Volpe. Roteiro: Michael Dante DiMartino. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2005. 1 vídeo (22 min), son., color.

Antes de começarmos a análise, cabe um espaço para falar um pouco mais sobre a personagem sobre a qual iremos discutir: Katara.

Katara é uma das três protagonistas do desenho e a última dobradora de água da Tribo da Água do Sul. A sua tribo, menos próspera e organizada que a Tribo da Água do Norte, seus irmãos no polo oposto, sofreu de forma devastadora com os ataques da Nação do Fogo, que buscou, em especial, eliminar os dobradores de água, considerados por eles o maior perigo da tribo. A identidade de Katara como dobradora foi escondida pela mãe durante o último ataque sofrido pela sua tribo e ela foi poupada; mas isso a deixou, ainda criança, sem ninguém para acompanhar ou ajudá-la no seu treinamento enquanto dobradora. Por essa razão, no início do desenho, a sua dobra ainda é fraca e fora de seu controle.

A personagem é de interesse para essa análise pela maneira como os criadores e roteiristas a fazem contraditória: ao mesmo tempo em que ela preenche os considerados estereótipos femininos, como ser a figura materna, ser a mais emotiva do grupo, ser gentil e afetiva, ela também ocupa espaços de personalidade culturalmente determinados para os personagens masculinos, tais como ser agressiva, por vezes recorrer à violência para resolver problemas, ser impulsiva, falar alto, expressar suas ideias e não concordar ou se submeter a decisões tomadas por outros. Ela não está no desenho puramente como um desafio a noções de feminilidade, na medida em que, inclusive, por vezes as preenche, mas ao mesmo tempo age de forma “masculina”, ou como a sociedade considera como tal. Essa contradição dela é o que a torna um excelente exemplo de representatividade por não se submeter a ser nem um estereótipo e nem um *contraestereótipo*, e sim apenas um ser humano. Ela representa possibilidades.

### 3.2 A mestra da dobra d'água

No episódio escolhido, o trio de protagonistas finalmente alcança o seu objetivo naquele momento, que é chegar na Tribo da Água do Norte, após partirem do polo oposto na Tribo da Água do Sul. Na Tribo da Água do Norte, eles esperam encontrar um dobrador de água experiente que possa ensinar Aang – que, apesar de ser o Avatar, até esse momento na história apenas possui domínio da dobra de ar e pouquíssima habilidade na dobra d'água, graças a pouco treinamento com Katara.

Durante a primeira noite deles no palácio da Tribo da Água do Norte, eles conhecem o chefe, sua filha (princesa Yue), e o mestre da dobra d'água Pakku (Figura 2).

**Figura 2 – Demonstração de dobra d'água por mestre Pakku e seus alunos**



**Fonte:** Screenshot do episódio “O Mestre de Dobra D’água” (Temporada 1, ep. 18). Avatar: A Lenda de Aang [Seriado]. Direção: Giancarlo Volpe. Roteiro: Michael Dante DiMartino. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2005. 1 vídeo (22 min), son., color.

Aang, apresentando-se ao mestre Pakku como o Avatar, pede a ele que o ensine a dobra d’água, assim como a “Katara” – nesse momento, na dublagem em português do episódio, ele não usa nenhum pronome para se referir a personagem (no original em inglês, ele usa o termo *friend* (amigo/a), que nesse idioma é um substantivo de gênero neutro). Assim, o mestre Pakku não sabe que a Katara em questão é uma mulher.

No dia seguinte, quando o mestre descobre que a Katara mencionada por Aang é uma garota, ele se recusa a treiná-la (Figura 3), pois na Tribo da Água do Norte as mulheres são proibidas de aprender a dobra d’água; as dobradoras dessa tribo focam apenas no caráter secundário da dobra, que é o seu potencial curativo. Katara, então, faz uma escolha tipicamente feminina e decide submeter-se à tradição do local para que Aang possa ser aceito como aluno do mestre Pakku enquanto ela irá preencher seu papel social enquanto mulher e aprender apenas técnicas de cura.

Através disso, nós vemos o claro exemplo de uma sociedade patriarcal na Tribo da Água do Norte, onde a posição de poder e domínio (dobradores) está nas mãos dos homens e as mulheres submetem-se a uma lei e tradição que vai além do controle delas, sendo segregadas para o papel servil (técnicas curativas) (Figura 4).

**Figura 3 – Mestre Pakku debocha de Katara**

Fonte: Screenshot do episódio “O Mestre de Dobra D’água” (Temporada 1, ep. 18). Avatar: A Lenda de Aang [Seriado]. Direção: Giancarlo Volpe. Roteiro: Michael Dante DiMartino. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2005. 1 vídeo (22 min), son., color.

**Figura 4 – “O lugar da mulher”, aprendendo técnicas de cura**

Fonte: Screenshot do episódio “O Mestre de Dobra D’água” (Temporada 1, ep. 18). Avatar: A Lenda de Aang [Seriado]. Direção: Giancarlo Volpe. Roteiro: Michael Dante DiMartino. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2005. 1 vídeo (22 min), son., color.

À noite, o irmão de Katara, Sokka, sugere que nesse horário ela e Aang treinem juntos, com Aang repassando aquilo que aprendeu pela manhã com o mestre Pakku, assim Katara poderia continuar seu treinamento como dobradora d'água e o Avatar teria alguém com quem praticar.

No entanto, os dois são descobertos treinando por Pakku, que decide abandonar Aang como aluno por ele ter desobedecido, junto com Katara, a lei e tradição da Tribo da Água do Norte. Na tentativa de fazer o mestre mudar de ideia, o trio busca uma audiência com o chefe da tribo (Figura 5), que se diz incapaz de convencer o mestre. Este então se manifesta, dizendo que a única forma de ele aceitar Aang como aluno seria se Katara, naquele momento, implorasse por seu perdão - reforçando então a posição submissa feminina ao patriarcado.

**Figura 5 – Audiência com o chefe da tribo e mestre Pakku**



**Fonte:** Screenshot do episódio “O Mestre de Dobra D’água” (Temporada 1, ep. 18). Avatar: A Lenda de Aang [Seriado]. Direção: Giancarlo Volpe. Roteiro: Michael Dante DiMartino. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2005. 1 vídeo (22 min), son., color.

Katara se recusa e provoca mestre Pakku para lutar com ela, se ele acredita então ser tão superior (Figura 6). É nesse momento que podemos ver Katara começar a desafiar as normas, movimento que ela iniciou timidamente ao decidir praticar escondida com Aang, ainda que fosse proibido. Aang até chega a pedir que ela não fizesse aquilo por ele e que não era necessário, de forma que mesmo a rebeldia da personagem ainda estaria em prol da necessidade do seu superior masculino; Katara responde dizendo que não está mais fazendo aquilo por Aang e sim por si própria, estabelecendo sua independência e autonomia enquanto pessoa e mulher.

**Figura 6 – Katara desafia o mestre para um confronto**

Fonte: Screenshot do episódio “O Mestre de Dobra D’água” (Temporada 1, ep. 18). Avatar: A Lenda de Aang [Seriado]. Direção: Giancarlo Volpe. Roteiro: Michael Dante DiMartino. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2005. 1 vídeo (22 min), son., color.

Pakku e Katara lutam (Figura 7), mas fica clara a superioridade técnica do mestre, ainda que em alguns momentos Katara chegue a surpreendê-lo e ir além de todo o seu potencial de dobra exibido até ali na obra (Figura 8).

A resolução do conflito se dá quando Pakku percebe que o colar que Katara usa é na verdade o colar de noivado que ele deu para a avó da personagem, anos antes, como parte de um casamento arranjado. Apesar da natureza artificial do matrimônio, Pakku verdadeiramente amava a avó de Katara, Kanna; porém, ela escolheu não ter que se submeter à mesma tradição contra a qual Katara está lutando, assim como à imposição da escolha do seu noivo, e decidiu fugir da Tribo da Água do Norte para a Tribo da Água do Sul, um movimento de independência feminina.

Convencido pela determinação tanto de seu antigo amor, Kanna, quanto a da neta dela, Katara, Pakku resolve ir contra as tradições de sua tribo e aceita Katara como sua discípula. É importante destacar que esse ainda não é um momento completamente anti-patriarcal: ainda é o caso de um homem de prestígio e poder decidindo fazer algo por, de certa forma, capricho próprio. Ainda assim, é o marco inicial de uma série de mudanças sociais na Tribo da Água do Norte.

**Figura 7 – O embate entre dobradores de água**

Fonte: Screenshot do episódio “O Mestre de Dobra D’água” (Temporada 1, ep. 18). Avatar: A Lenda de Aang [Seriado]. Direção: Giancarlo Volpe. Roteiro: Michael Dante DiMartino. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2005. 1 vídeo (22 min), son., color.

**Figura 8 – Katara continua rebelde até o fim**

Fonte: Screenshot do episódio “O Mestre de Dobra D’água” (Temporada 1, ep. 18). Avatar: A Lenda de Aang [Seriado]. Direção: Giancarlo Volpe. Roteiro: Michael Dante DiMartino. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2005. 1 vídeo (22 min), son., color.

As mudanças que Katara provocou na Tribo da Água do Norte transformaram-se em um legado. Isso pode ser observado, especialmente, na segunda temporada do desenho “A Lenda de Korra”, que se passa cerca de 80 anos após os eventos de “A Lenda de Aang”. Nesse universo, existem inúmeras mulheres dobradoras de água na Tribo da Água do Norte, sendo o exemplo mais notável Eska, filha do chefe da tribo, Unalaq.

É importante ressaltar que a ascensão de Eska ao poder, em conjunto com seu irmão gêmeo Desna, apresenta uma mudança das noções patriarcais que antes dominavam a sua tribo: até então as mulheres não poderiam ocupar uma posição de poder real na Tribo da Água do Norte. Mesmo que a mulher fosse a herdeira, seu poder seria idealmente transferido para o marido, escolhido através de um casamento arranjado. A princesa e posteriormente chefe da Tribo da Água do Norte, Eska, desafia ambas as noções: assume a posição (em condição de igualdade com seu irmão gêmeo) de chefia, assim como escolhe seu próprio noivo (ainda que o casamento nunca tenha acontecido), Bolin.

A movimentação que Katara trouxe para a Tribo da Água do Norte ajudou a provocar tais repercussões. Seu desafio inicial foi direcionado especificamente para a questão do ensino da dobra, mas nota-se que essa mudança acabou refletindo em outros aspectos daquela sociedade. Ao questionar um paradigma patriarcal, e ao efetuar mudanças sociais baseadas em tal questionamento, a sociedade do norte passou a repensar outros aspectos que envolviam a mulher. Katara pode não ter sido diretamente responsável por todas as mudanças, mas com certeza sem sua primeira luta, nenhuma das transformações subsequentes poderiam ter ocorrido.

**Figura 9 – Desna, à esquerda, e sua irmã Eska, a direita, ambos dobradores de água**



**Fonte:** Screenshot do episódio “Espírito Rebelde” (Temporada 2, ep. 1). A Lenda de Korra [Seriado]. Direção: Colin Heck. Roteiro: Tim Hedrick. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2013. 1 vídeo (22 min), son., color.

#### 4 CONCLUSÃO

Raymond Williams (2004), analisando a importância da televisão enquanto mídia de massas, traz uma questão central aos estudos de mídia: até que ponto é possível desvencilhar uma tecnologia de mídias, as mensagens veiculadas por tal mídia, e a sociedade em que tais mídias e mensagens são produzidas e consumidas? Essa questão é retomada por Faye Ginsburg, Lila Abu-Lughod e Brian Larkin(2002) , que, ao firmar análises transculturais do fenômeno midiático contemporâneo, afirmam que “nós agora reconhecemos a significância sociocultural de filmes, televisão, vídeo, e rádio como parte da vida cotidiana de quase toda parte do mundo” (GINSBURG; ABU-LUGHOD; LARKIN, 2002, p. 2, tradução nossa). Narrativas veiculadas por mídias de massa – de filmes de Hollywood a desenhos da Nickelodeon – são tanto produtos quanto produtoras de sua realidade social. Nós vivemos, atualmente, em uma sociedade midiática, e portanto cabe a nós enquanto analistas sociais nos debruçarmos sobre a compreensão destas mídias para melhor compreensão da sociedade ao seu redor.

Neste ensaio nós apresentamos a personagem Katara, que (junto de Aang e Sokka) protagoniza o desenho animado “Avatar: a Lenda de Aang”. Para o público espectador (e, de fato, para a narrativa da série), sua presença ilustra os desafios de uma agência feminina dentro de uma sociedade patriarcal; suas ações de rebeldia contra uma visão tradicionalista de qual seria o papel feminino da sociedade resultam em mudanças, em maior ou menor grau, nesta sociedade. Mas igualmente importante é a percepção de que Katara é, principalmente, produto da nossa sociedade. Sendo parte de uma tríade também composta por dois outros personagens masculinos, ela reproduz a proporção 2:1 entre personagens masculinos e femininos mencionada anteriormente. Aang ainda é o “avatar” cuja lenda está sendo contada.

Nós veremos uma mudança, narrativa e estrutural, em “A Lenda de Korra”, cujo movimento feminista já tem seu início na própria presença de Korra, uma personagem feminina, como a personagem titular e protagonista em um desenho exibido em um canal direcionado a um público majoritariamente masculino. Seu protagonismo foi questionado inclusive pelos executivos do canal, inseguros com uma protagonista feminina, e as chances do desenho ser ou não um sucesso por conta disso, algo que ressoa com o argumento apresentado por Thompson e Zerbinos (1995, p. 653, tradução nossa): “Se um programa quer ter sucesso, ele deve apelar a garotos, porque garotos não irão assistir programas com protagonistas femininas, mas garotas irão assistir desenhos com protagonistas masculinos” Embora uma análise de Korra esteja além do escopo deste trabalho, é importante destacar a importância de “Avatar: a Lenda de Aang” – e de Katara – em fornecer uma base essencial para avanços posteriores. Refletindo (intencionalmente ou não) movimentos feministas no nosso mundo, Katara é uma gigante em cujos ombros Korra pode subir para realizar seu pleno potencial.

## REFERÊNCIAS

AUBREY, J. S.; HARRISON, K. The Gender-Role Content of Children's Favorite Television Programs and Its Links to Their Gender Related Perceptions. **Media Psychology**, v. 6, n. 2, p. 111-146, 2004. Disponível em:

[https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s1532785xmep0602\\_1](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s1532785xmep0602_1). Acesso em: 27 ago. 2021.

ESPÍRITO REBELDE (Temporada 2, ep. 1). A Lenda de Korra [Seriado]. Direção: Colin Heck. Roteiro: Tim Hedrick. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2013. 1 vídeo (22 min), son., color.

GINSBURG, F. D.; ABU-LUGHOD, L.; LARKIN, B.; **Media worlds: anthropology on new terrain**. Berkeley: University of California Press, 2002.

GÖTZ, M. *et al.* Gender in children's television worldwide. **Television**, n. 21, p. 4-9, 2008. Disponível em: [https://www.br-online.de/jugend/izi/english/publication/television/21\\_2008\\_E/goetz%20et%20al\\_engl.pdf](https://www.br-online.de/jugend/izi/english/publication/television/21_2008_E/goetz%20et%20al_engl.pdf). Acesso em: 27 ago. 2021.

O MESTRE de Dobra D'água. (Temporada 1, ep. 18). Avatar: A Lenda de Aang [Seriado]. Direção: Giancarlo Volpe. Roteiro: Michael Dante DiMartino. Criação: Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino. Nova Iorque: Nickelodeon Animation Studios, 2005. 1 vídeo (22 min), son., color.

PILA, S.; DOBROW, J.; GIDNEY, C.; BURTON, J. The "Good Girls": Exploring Features of Female Characters in Children's Animated Television. **Gnovis**, v. 19, n. 1, p. 1-24, 2018. Disponível em: <https://repository.library.georgetown.edu/handle/10822/1052868>. Acesso em: 27 ago. 2021.

THOMPSON, T. L.; ZERBINOS, E. Gender Roles in Animated Cartoons: Has the Picture Changed in 20 Years? **Sex Roles**, v. 32, p. 651-673, 1995. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01544217>. Acesso em: 27 ago. 2021.

THOMPSON, T. L.; ZERBINOS, E. Television Cartoons: Do Children Notice It's a Boy's World? **Sex Roles**, v. 37, p. 415-432, 1997. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1025657508010>. Acesso em: 27 ago. 2021.

WILLIAMS, R. **Television: Technology and cultural form**. London: Routledge, 2004.

**Artigo recebido em: 30 ago. 2021. | Artigo aprovado em: 16 nov. 2021.**